

O Deus desarmado (II)

Por: Maria Clara Bingemer

Olhando para o Deus que se revela nas páginas da Escritura, podemos perceber um Deus não violento, um Deus ao qual toda violência é estranha. Não existe nele ira ou inveja ou vingança destrutiva. Deus é pura não violência.

No entanto, essa imagem do Deus não violento não predominou sempre nas leituras e interpretações feitas do texto bíblico. Ao contrário, a imagem de um deus guerreiro ocupa um lugar central na arqueologia religiosa da humanidade. Aqueles a quem interessa a guerra não podem ter outro deus senão um deus guerreiro. Pois a quem podem suplicar a vitória, a não ser ao Deus dos Exércitos?

Na verdade, se lermos com cuidado a Escritura, veremos que são sempre os seres humanos que requisitarão Deus para fazer a guerra. Deus jamais requisita suas criaturas com tal propósito. Devido a isto, a representação de Deus muitas vezes permaneceu cativa de um estereótipo religioso arcaico de um ser que recorre à violência para punir os infiéis e não hesita em guerrear contra os maus.

É urgente romper com esse estereótipo de um deus justiceiro e violento para que possamos conhecer o Deus que é amor e bondade, e cujo agir em relação aos homens é pura gratuidade, compaixão e benevolência.

Jesus de Nazaré, com sua encarnação, vida, morte e ressurreição, desarmou Deus. Mais exatamente desarmou as imagens que o homem fabricou de Deus, imaginando-o à sua própria semelhança. Jogou por terra todos os deuses poderosos instalados em seus tronos. O Deus dos Exércitos, na verdade, é o Deus desarmado. O Deus todo-poderoso faz brilhar seu poder na impotência do amor rejeitado e crucificado em Jesus Cristo.

A projeção das frustrações humanas na onipotência divina pode bem se tornar e converter-se na projeção da própria vontade humana de poder.

Sendo Deus pura não violência, não é possível dar testemunho dele senão tornando-se testemunha de sua não violência. A antítese da fé, neste caso, não é a descrença, mas a violência - e o desamor. Negar a Deus não é ignorar que ele existe, mas pretender que ele se acomoda à violência humana e a legítima ou dirige.

Assim, este Deus desarmado convida o ser humano a desarmar-se também. E somente este desarmamento daquele ou daquela que decide ser construtor da paz pode desarmar o adversário.

A bem-aventurança evangélica da paz refuta o argumento pagão segundo o qual a arma que meu adversário possui justifica que eu me arme também para resistir-lhe. Tal atitude só poderá ter como resultado a corrida armamentista a que assistimos tomar conta do mundo, que pretende fundar a paz sobre o equilíbrio do terror, mas que no fundo não engendra outra coisa a não ser a guerra.

Opor a proposta da paz à agressão e à violência é o único caminho para quebrar a rivalidade fundada sobre a mimetização do inimigo e romper o círculo vicioso das vinganças sem fim. Porque essa lógica não é aceita. A história da humanidade tem se tornado sempre mais a história de suas guerras. O começo de mais um ano nos convida a desejar que ela passe a ser a história da paz construída com a justiça e o diálogo responsáveis.

Hoje, mesmo depois do 11 de setembro de 2001, o Deus dos Exércitos ameaça sobrepor-se ao Deus da paz no bojo dos diversos movimentos fundamentalistas que o fazem combater contra si mesmo, no Iraque e em outras partes.

O construtor da paz, portanto, será aquele que, com coragem e lucidez, identificará o conflito e suas raízes, e o assumirá a partir de dentro, propondo-se trabalhar com o melhor de suas energias para tornar possível a restauração da vida, feita pedaços pela guerra e a barbárie. E isso com a consciência do risco que o espreita de ser salpicado pelos estilhaços das armas que a violência usa para conseguir seus intentos.

Terá apenas como certeza que lhe dará força e coragem a presença de Deus que, desarmado, estará a seu lado, inspirando-o em sua bem-aventurada luta.